

Deslocamento e reconstrução identitária no romance *Quarenta dias*

Displacement and identity reconstruction in the novel *Quarenta dias*

Patrícia Roque Teixeira das Chagas Rosa

Doutoranda em Teoria da Literatura e Literatura Comparada na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Mestre em Estudos de Literatura pela Universidade Federal Fluminense (UFF). E-mail: patriciart86@gmail.com

Resumo: Este artigo tem como proposta abordar a relação entre deslocamento e a reconstrução da identidade cultural tematizados no romance *Quarenta dias* (2017), da escritora Maria Valéria Rezende. Por meio dos relatos registrados, num diário improvisado, a protagonista Alice relata seu percurso pela cidade de Porto Alegre, onde encontra sujeitos migrantes de origens diversas. Os deslocamentos realizados pela personagem promovem o conhecimento da faceta convidativa e civilizatória da metrópole e, ao mesmo tempo, o seu lado obscuro e excludente. Nesse sentido, o fluxo da escrita que capta parte do percurso realizado por Alice durante os quarenta dias em que esteve morando nas ruas, além de promover a reconstrução da própria identidade, revela as diversas identidades culturais que se movem por este espaço.

Palavras-chave Deslocamentos; Escrita; Alteridade; Identidade cultural.

Abstract This article has as a proposal to approach the relation between displacements and the reconstruction of the cultural identity portrayed in the novel *Forty days*, of the writer Maria Valéria Rezende. Through the reports recorded in a makeshift diary, the protagonist Alice recounts her journey through the city of Porto Alegre, where she finds migrant subjects from diverse backgrounds. The displacements made by the character promote the knowledge of the inviting and civilizing facet of the metropolis and, at the same time, its dark and exclusionary side. In this sense, the flow of writing that captures part of Alice's journey during the forty days she was living on the streets, in addition to promoting the reconstruction of her own identity, reveals the various cultural identities that move through this space.

Keywords Dislocations; Writing; Otherness; Cultural identity.

Quem viaja sempre deixa muita coisa na travessia, na partida e ao longo da jornada. Durante seu percurso, o viajante se lança pelos caminhos turvos, ultrapassa fronteiras e sua imaginação defronta-se com o maravilhoso, o absurdo e o terrificante. À medida que caminha, ele descobre o novo, desenraiza-se e se liberta dos alicerces onde estão seus antigos hábitos, costumes e certezas. Assim, “aquele que parte não é nunca o mesmo que regressa” (IANNI, 2003: 31).

No capítulo *A metáfora da viagem* (2003), Octavio Ianni observa que toda viagem consiste em ultrapassar fronteiras, seja dissolvendo-as, seja recriando-as. Nessa ultrapassagem, há a descoberta do eu, como também do outro. Ao mesmo tempo em que a viagem “demarca diferenças, singularidades e alteridades, demarca semelhanças, continuidades, ressonâncias” (IANNI, 2003: 13). Durante a travessia, o sujeito nômade toma consciência de si próprio e da condição de seu semelhante. Nesse encontro, há reencontro de si que passa a se revelar diferente e transfigurado. Desse modo, é por meio da descoberta de alteridade que ocorre a recriação das identidades.

Entretanto, não se trata apenas de um eu em busca do outro, há um nós em busca dos vários outros, tendo em vista que “há sempre algo de coletivo no movimento da travessia, nas inquietações, nas descobertas e frustrações dos que se encontram, tencionam, conflitam, mesclam ou dissolvem” (IANNI, 2003: 28).

“A metáfora da viagem”, abordada por Octavio Ianni, dialoga com as discussões pautadas neste trabalho que visam analisar de que forma a escritora Maria Valéria Rezende, no romance *Quarenta dias* (2017), retrata a relação entre as mobilidades territoriais e a reconfiguração da identidade cultural. Para refletir sobre essa relação, este artigo apoia-se especialmente nas contribuições teóricas de Regina Delcastagné, Maria Bernadette Porto e Kathryn Woodward que auxiliam na análise proposta.

Tal questão é tematizada na obra a partir da exploração espacial feita pela personagem nordestina Alice na cidade de Porto Alegre, uma professora de Francês aposentada que, após a insistência de sua filha, se muda de João Pessoa, terra natal, para Porto Alegre onde passa a residir. Na mudança muitas coisas são descartadas, porém a paraibana não se desfaz de um antigo caderno que funciona como um diário, no qual a personagem registra suas experiências na nova cidade.

Concretizada a mudança e com a viagem da filha e seu genro para Europa, a vida da protagonista sofre uma reviravolta: deslocada na nova cidade, ela se vê perdida, sem rumo, até que uma antiga conhecida de João Pessoa a contata pedindo que ela procure por seu filho, Cícero Araújo, que está em Porto Alegre e há um ano não dá mais notícias. Este pedido, a busca por um desconhecido, é o que irá nortear

a vida de Alice. Ela decide sair à procura do estranho, essa busca demora quarenta dias, tempo este em que passa morar nas ruas. Nesse percurso, ela se depara com sujeitos de origens distintas, que fazem parte de uma intrincada rede simbólica que marca as migrações contemporâneas no espaço ambíguo e conflituoso da metrópole. Com passar do tempo, Cícero passa a ser apenas um pretexto para sua permanência nas ruas. Em seu caderno, Alice anota experiências extremas vivenciadas ao longo dessa jornada: “Quarenta dias no deserto, quarenta anos [...] Acabo de sair da quarentena. Não planejei nada, caí lá sem querer, sem me dar conta de que aquilo podia ser a barca do inferno” (REZENDE, 2017: 18).

O processo de quarentena é um ciclo de passagem que simboliza o tempo em que a nordestina esteve morando nas ruas da cidade. Nesse período, ela anda sem destino por avenidas, ruas e becos da cidade, conhece vários migrantes, principalmente nordestinos. No contato com os tipos encontrados, ouve histórias de “gente reduzida a corpo e dor” (REZENDE, 2017: 217).

Apesar de todo mal atravessado durante quarenta dias de despersonalização impingida, das arbitrariedades, do frio e da fome, escrever se faz necessário. Ao entrar em seu apartamento, onde não consegue ainda chamar de lar, Alice sente a necessidade de despejar nas páginas amareladas de seu caderno, um diário improvisado, “a balbúrdia de imagens”, suas impressões e “sentimentos acumulados” (REZENDE, 2017: 13) durante o processo de quarentena.

As inquietações que movem o fluxo da escrita têm como questão o ser humano, imerso nas contradições, fragilidade e mudanças. A escrita serve não apenas como forma de desabafo, mas também é uma importante ferramenta para pôr em ordem os pensamentos e sentimentos, bem como normalizar a própria vida: “quero por ordem em mim, quero mesmo é escrever” (REZENDE, 2017: 46). O ato de escrever e registrar as experiências se torna imperativo, uma vez que revela a matéria insistente dos pensamentos, bem como se faz na emergência para não sufocar e exorcizar os mais interessantes tipos de gente com quem teve contato nas ruas de Porto Alegre:

[...] e aqui estou vomitando nestas páginas amareladas os primeiros garranchos com que vou enchê-las até botar tudo pra fora e esconjurar toda essa gente que tomou conta de mim e grita e anda pra lá e pra cá e chora e xinga e gargalha e geme e mija e sorri e caga e fede e canta e arenga e escarra e fode e fala e vende e fala e sangra e se vende e sonha e morre e ressuscita sem parar (REZENDE, 2017: 14).

No processo doloroso de desenterrar os vestígios de um passado recente, Alice recorre à sua memória, povoada por sujeitos migrantes. Sobre a reconstitui-

ção desses indivíduos e suas experiências, não há uma concepção rígida, engessada, mas apenas uma impressão que pode ser revista ou passada a limpo a qualquer instante: “quem sabe ainda reabro estas páginas e passo tudo a limpo” (REZENDE, 2017: 245). É perceptível que a necessidade de escrever se torna imprescindível para o sujeito redescobrir a si mesmo e o outro. Com o registro de situações vividas e ouvidas nas ruas, a protagonista percebe no aglomerado humano homens e mulheres singulares.

Vivendo nas periferias da cidade, sob privação e sofrimento, seus semelhantes confundiam-se numa massa homogênea e despersonalizada, como seres anônimos. A forma de designação comum aos “seus iguais” era por meio de apelidos que os tornavam conhecidos na comunidade. É interessante atentar para a destituição do nome próprio que aponta para a origem e particularidade do sujeito.

Em seus relatos, Alice encontrou baianos, maranhenses, sergipanos, alagoanos piauienses, paraibanos e potiguares, todos reduzidos à identidade “baiana” ou a “brasileirinho” (REZENDE, 2017: 110), termo proferido na região do Sul para designar nordestinos assim como ela: “Eu, confundida de todo, querendo explicar que era Paraíba, nada a ver com Recife, Fortaleza, Bahia, Minas, que Cícero era brasileiro feito eu, que trabalhava em obra de construção, mas foi inútil” (REZENDE, 2017: 110). Identificamos que os sujeitos retratados apresentam em suas histórias percursos distintos, uma vez que são oriundos de diversas partes do país. Eles podem atravessar o mesmo espaço, se assemelharem na dor, porém não são os mesmos. Dessa forma, o romance critica o fato desses migrantes serem relacionados a uma única identidade, sendo restringidos a uma categoria unívoca que determina os papéis desses indivíduos na sociedade. Além disso, a eles normalmente são atribuídos trabalhos braçais ou de subordinação, como é o caso de Cícero Araújo e de outros indivíduos que são descritos ao longo do romance. Tais questões exploradas denunciam a concepção na inferioridade do migrante nordestino.

O romance, ao privilegiar no espaço narrativo sujeitos que são normalmente relegados, desestabiliza relatos hegemônicos do campo literário contemporâneo, demarcando as várias possibilidades de construção desse outro heterogêneo e multifacetado. Na obra, ocorre o registro de reminiscências de “brasileirinhos” (REZENDE, 2017: 110) como Milena, a faxineira, por quem Alice sentia grande estima e amizade. A baiana de “dura história” sai de sua terra natal com dois filhos para acompanhar o marido que recebera uma proposta de trabalho como sanfoneiro em Porto Alegre. Contudo, com a demissão do marido, Milena passa a trabalhar para manter a família, primeiro em uma cooperativa de reciclagem de lixo, depois como faxineira diarista. Com poucos recursos, a favela, ou melhor, Vila Pinto, é um único

lugar possível de moradia. Para agravar sua história, a baiana é vítima de violência doméstica do próprio marido.

Outra história relatada é a de Jozélia, conterrânea da Paraíba, moradora da Vila João Pessoa, lugar de nome simbólico onde havia grande concentração de moradores paraibanos. Pelo sotaque da costureira é possível depreender sua origem, vinda do sertão. O pai de Jozélia foi o primeiro a chegar a Porto Alegre para trabalhar em uma construtora. Após sua estalagem, veio o restante da família, sua mulher e oito filhos que, com a venda dos animais e do sítio, conseguiram comprar as passagens. No novo território a família de Jozélia refaz sua vida, bem como ela própria que casa com um conterrâneo e gera quatro filhas.

Neste ponto, o foco narrativo se dá sobre a dilatação do próprio espaço físico que passa abarcar, de forma desordenada, seres excluídos socialmente. A periferia é o local ocupado por homens e mulheres pobres, habitantes desprezados e despojados de poder. Tendo isto em vista, as cidades não são apenas lugares de aglomeração e passagem de pessoas, mas também de segregação. Nesses espaços a atuação do poder “se afirma e se exerce, e, sem dúvida, sob a forma mais sutil, a da violência simbólica como violência despercebida” (BOURDIEU, *apud* DELCASTAGNÈ, 2012: 163).

A razão econômica é o que normalmente motiva os migrantes pobres a saírem de suas terras, seu lugar de origem, em busca de uma vida melhor para os grandes centros urbanos, espaços carentes de mão de obra barata. Ter um lugar, encontrar uma posição e nela fixar-se, significa encontrar a si mesmo, civilizar-se e humanizar-se. Para o homem sertanejo, há esperança de chegar a terra desconhecida e civilizada, onde não seria recebido, mas ficaria preso nela. Portanto, mover-se significa garantir sua sobrevivência. O Segundo Silviano Santiago, em *O cosmopolitismo do pobre*:

[...] o fluxo dos seus novos habitantes é determinado em grande parte pela necessidade de recrutar desprivilegiados do mundo que estejam dispostos a fazer os chamados serviços do lar e de limpeza e aceitem transgredir as leis nacionais estabelecidas pelos serviços de migração. São predeterminados pela necessidade e pelo lucro pós-moderno. (SANTIAGO, 2008: 51).

O teórico traça um panorama comum ao mundo globalizado pós-moderno. O avanço dos meios de transporte e o acesso ilimitado de informações possibilitaram a emigração dos homens rurais para a cidade, lugar com valor simbólico de civilização e de desenvolvimento. Entretanto, é possível visualizar no contraste do espetáculo grandiloquente do pós-moderno a associação desses homens com o tra-

balho manual e sua condição de excluídos, vivendo em bairros lastimáveis das metrópoles. Privado de cidadania e direitos, o ser migrante se encontra numa constante luta contra os métodos capitalistas que lhes impõem condições injustas de trabalho e o mantém à margem do projeto civilizatório e desenvolvimentista.

Em *Quarenta dias*, os vários objetos baratos de países diversos, encontrados em uma loja de quinquilharias, não passam despercebidos. Eles são confeccionados por imigrantes pobres, mão de obra barata, que são explorados numa confecção de larga escala:

Enveredei pelos corredores daquele espaço enorme de prateleiras cheias de tralha chinesa, coreana, paraguaia, ou made in qualquer fundo de quintal ou barracão de exploração de pobres bolivianos, frascos e potes de plástico dos mais variados formatos, vai alguém saber pra que devem servir!, aquelas cores agressivas que aos poucos estão recobrando quase o mundo todo, [...] todas a inutilidades e mínimas utilidades baratas, pilhas de caixas de suas falsificações (REZENDE, 2017: 168).

Observamos a configuração de um espaço transnacional onde ocorre a circulação de pessoas e mercadorias, regida pelo fenômeno da globalização que interliga a economia mundial e os intensos movimentos migratórios que reconfiguram a dinâmica dos trânsitos culturais, geopolíticos e econômicos. Nesse sentido, a globalização direciona não só o fluxo de capital, mas também o de pessoas em espaços sociais nos quais diferentes perspectivas e culturais se encontram e se chocam.

Sobre a questão do imigrante, em *Quarenta dias*, há também uma abordagem direcionada a um tipo de migração extrema que são os imigrantes foragidos. Em suas andanças pela cidade, Alice encontra o argentino exilado Arturo. O imigrante durante a juventude fez parte de um grupo guerrilheiro de esquerda denominado de “Montonero” que atuava contra a ditadura militar de Perón. Pelo fato de muitos de seus companheiros, que ficaram no país, terem sido mortos e torturados, Arturo, sem documentos e sem contatos, decide escapar pela fronteira da Argentina rumo a Porto Alegre, tendo as ruas da cidade como destino. Nesse exílio forçado, há sempre fraturas incuráveis onde não se pode voltar atrás. Podemos identificar a violência imposta à figura do imigrante, considerado em país estrangeiro um “errante excluído”. A própria etimologia da palavra, de acordo com Rita Oliveri-Godet, simboliza um duplo sentido: “errar’ do latim *iterare*, viajar, vaguar, mas também ‘errar’ do latim *errare*, incorrer um erro, em engano” (GODET, p.190). A “errância” de Arturo se relaciona ao seu deslocamento não só físico, mas também a dimensão interior e identitária. Nesse sentido, ela é associada ao ato de desterritorialização que o leva à descoberta de si mesmo e dos outros.

Em *Quarenta dias*, tanto o corpo e a cidade são elementos de construções e valores simbólicos. A cidade passa a ter a conotação de lugar caótico, excludente e violento. Dessa forma, tanto a violência como a exclusão vão ser refletidas nos corpos dos sujeitos que ali estão submetidos a todo tipo de opressão. Assim como o imigrante Arturo, Alice passa habitar as ruas da cidade, sob privação de condições básicas e de direitos. Há o processo de despersonalização da personagem, que se reduz a condição de moradora de rua, mal reconhecendo a sua própria figura, se sentindo fora de lugar, sem qualquer valor: “no corpo de uma velha desgrenhada, já moradora de rua sem disfarce, não valeria nada, nem um brique. [...] Esmoreci de vez, sem banho, sem comida, rasgada, desmantelada” (REZENDE, 2017: 244).

No caso da paraibana, seus relatos buscam traduzir o reflexo da inospitalidade da cidade em seu corpo ao se dar conta de sua própria decompostura, as vestimentas precárias e amontoadas, cabelos desgrenhados, além do mal-estar provocado pela submissão ao frio e à fome que se resolvia com “qualquer coisa”, bem como pelos maus odores dos fluidos de seu corpo. Desse modo, todo mal direcionado ao corpo gera cisões profundas que afetam o sujeito em sua totalidade. Tendo isto em vista, segundo Regina Delcastagnè, o corpo passa, então, a ser o reflexo e a transposição do próprio espaço, carregando cicatrizes e marcas:

Corpos que se movimentam com facilidade, deslocando-se, autorizados, por ruas e entre países; corpos silenciados, domesticados, esquecidos nos quartos de despejo; corpos insubordinados, que insistem em ocupar lugares que não lhes são destinados; corpos que negam o discurso alheio sobre si – são esses corpos, cheios de marcas e rasuras que preenchem nossas cidades, e que podem dar sentido à nossa literatura. São eles que transportam e definem o espaço narrativo, sempre tão implicado pelos constrangimentos do espaço social. Daí as ausências, a segregação imposta a determinados grupos no interior de nossa literatura- situação que restringe seu alcance e suas possibilidades, afinal, são muitos os modos de viver a cidade, e muitas maneiras de representar esteticamente essas experiências (DELCASTAGNÈ, 2012: 144).

A produção de significados do corpo atribuídos às identidades e seus posicionamentos estão estreitamente vinculados aos sistemas de representação social que envolve diretamente as relações de poder estabelecidas capazes de julgar a inclusão ou exclusão de um indivíduo. Segundo Jonathan Rutherford, a identidade une nosso passado histórico com as relações sociais, culturais e econômicas do presente, sendo ela “a intersecção de nossas vidas cotidianas com as relações econômicas e políticas de subordinação e dominação” (RUTHERFORD, 1990 *apud* WOODWARD, 2000: 19).

No que se refere à diferença traçada entre as identidades e sua inclusão ou exclusão no meio social, essa relação se dá essencialmente por meio da marcação da diferença. Marcação esta que se dá tanto por meio de sistemas simbólicos de representação quanto pela exclusão social. É possível, portanto, depreender de que identidade e diferença são interdependentes. No que se refere ao âmbito social, tanto a diferença simbólica quanto a social são estabelecidas pelos sistemas classificatórios, os quais são responsáveis por dividir uma população tendo como base sua diferença. É justamente através da ordenação e separação realizada, de acordo com os sistemas classificatórios, é que ocorre a produção de significado das coisas e seus valores. Assim, o modo pelo qual uma cultura se distingue da outra é crucial para se compreender as identidades.

Para Kathryn Woodward, a concepção da diferença entre identidades é marcada por uma oposição binária - o outro / forasteiro. Essa oposição criada, segundo a teoria de Saussure citada pela teórica, é “a forma mais extrema de marcar a diferença [...] para produção de significado” (WOODWARD, 2000: 50). A concepção de diferença acarreta ainda uma dupla função: ela pode ser fonte de diversidade e heterogeneidade cultural, bem como pode estabelecer uma fronteira ainda mais profunda: a exclusão ou marginalização dos sujeitos considerados os outros ou forasteiros. Fronteiras estas que são bem demarcadas nas grandes cidades, espaços dicotômicos e contraditórios, onde a mobilidade e modernidade dos grandes centros e bairros considerados nobres se contrastam com o espaço desorganizado, sujo e desumano das periferias.

Sob o signo do progresso e da modernização, a cidade está se reinventando a cada instante, o que constitui, segundo Maria Bernadette Porto, “um convite para nossas próprias desleituras identitárias, fruto das profundas transformações de nossas relações com o espaço.” (PORTO, 2010: 71). Essa visão inovada do espaço se relaciona não somente com a múltipla e complexa construção indentitária dos sujeitos e da sua subjetividade, mas também revela a reconfiguração e construção de espaços mais fluidos e variáveis que estão intimamente ligados à formação dessas identidades e subjetividades.

No que concerne à natureza do espaço citadino, ele pode ser considerado como um “corpo pulsante” que convoca aos seus transeuntes a utilizar todos os sentidos: sons, cheiros, gostos, imagens diversas repletas de significado, ainda que de forma fragmentada, tendo em vista que a apreensão do espaço não se dá por completo. Em outras palavras, a cidade não se apresenta em sua totalidade, há sempre lacunas e vazios a serem preenchidos, o que impossibilita o seu mapeamento efetivo. Se a apreensão de um espaço não se dá de forma completa, o sujeito está sempre

dado a percorrê-lo de modos diferentes e obter diversos significados de seus fragmentos.

Nos relatos de Alice não há dúvida de que brechas e fissuras da cidade se expõem, mas a paraibana não passa por cima fingindo não percebê-las, ao contrário, admite e mostra as fendas, a desarmonia e a confusão do espaço, partes que não se encaixam. Neste ponto, quando apontamos para um trecho não harmônico ou que nos soa estranho, estamos de certa maneira, encaixando-o ou preenchendo-o, pois a percepção do desconexo é inerente à própria noção do que é conexo.

A personagem andarilha, ao atravessar a cidade, a pé ou por meio do ônibus, sai do seu lugar comum e se lança por lugares desconhecidos. Ela passa a ter acesso aos pontos mais distantes e extremos da metrópole. Nessa travessia, ocorrem releituras de um mesmo espaço que se coadunam com a reflexão sobre a própria vida e sua vinda quase que forçada a Porto Alegre:

Toda energia que eu tinha exibido atravessando a pé quilômetros daquela cidade pareceu escorrer pro chão pelos meus pés doloridos, deixando para trás de si um desânimo enorme. Pela primeira vez, desde que começou essa minha migração forçada, tive vontade de chorar e fiquei um bom tempo com a cara virada pra fora, fungando, querendo esconder as lágrimas, fingindo que olhava pela janela, vendo vagamente passarem avenidas e prédios que não me diziam nada, uns com a cara de luxo padronizado que se espalha igualmente de Dubai a Xanguai passando até pelo “edifício mais alto do Brasil”, em João Pessoa, outros em construção ou abandonados, sei lá, com aspecto de ruína, tudo tão misturado que a gente fica sem saber se a cidade está nascendo ou morrendo, fui pensando à toa, até o vento da janela secar minhas lágrimas (REZENDE, 2017: 98-99).

Ao mapear a cidade, durante o percurso de ônibus, Alice, em um primeiro momento, encara Porto Alegre como um não-lugar, onde avenidas e prédios não lhe diziam nada. A cidade é um território repleto de “vícios e virtudes”, uma “clareza vaga salpicada de pontos de luz esparsos, nebulosa” (REZENDE, 2017: 60). Em sua trajetória, a nordestina explora a cidade, encontrando uma realidade muito diferente da pacata João Pessoa. A não identificação faz com que ela sinta vontade de voltar para sua “verdadeira” casa, sua terra natal, pois sentia que ali não tinha nenhuma, sendo uma habitante provisória e impermanente, como se fosse uma estranha naquele lugar. O estranhamento, contudo, não é apenas territorial, mas também linguístico e cultural.

No entanto, ao procurar pelos seus iguais, Alice passa a flunar e se apropriar de Porto Alegre, explorando livremente suas brechas. Seus percursos se tornam cada vez mais previsíveis quando traça uma romaria pelo avesso da cidade. Ela passa

por lugares como vilas, sebos, rodoviárias, alojamentos, pronto-socorro, portas de igreja, terreiros de candomblé. Lugares considerados comuns e de passagem como o hospital HPS e os viadutos da cidade se tornam, para a nordestina, espaços de pertencimento e de moradia.

Ao transitar pela Vila Maria Degolada, Alice observa que seus conterrâneos não só mantêm os costumes de suas terras, como também passam a assimilar os costumes e hábitos da região sul. Sobre as andanças pela comunidade e conversas com moradores de lá, há a preocupação do registro que revela a adaptação gradativa da personagem ao contexto cultural diverso que se insere:

[...] nem sei quantas cuias de chimarrão recusei. Não sou daqui não, sou da Paraíba, na minha terra não é costume, cheguei a pouco, ainda não aprendi a tomar, Mas logo acostuma que um amargo é coisa boa demais, bom pra saúde, pro estômago, pra tudo [...] Ia aprendendo coisas e nomes, a comer dedo-de-negro, que logo domestiquei como parente de nossa sorda, cortada em tiras (REZENDE, 2017: 117).

O contato da paraibana com os migrantes em suas andanças pela periferia da cidade faz com que encontre convergências entre sua terra e a novo território: há a presença de indivíduos de todas as “cores”, os petiscos, violência, solidariedade, pobreza e as mesmas necessidades básicas. É interessante observar que a cidade congrega múltiplas e complexas identidades dos sujeitos, o que denota a reconfiguração do próprio espaço que se torna mais fluido e variável ao abarcar essas identidades de forma interconectada. Nesse sentido, a metrópole pode ser vista como um espaço onde também ocorre a sociabilidade humana, um lugar de encontro da vida comum e da diversidade humana que desperta o fascínio por todas as possibilidades que oferece.

No contato com o outro, ou seja, pautada na alteridade é que dá sua percepção das diferenças culturais e linguísticas da cidade. Ocorre, então, um processo de hibridização cultural nos quarentas dias em que esteve perambulando pelas ruas. Assim como os conterrâneos que encontrou, ela se adapta ao novo contexto cultural e linguístico em que está inserida. Afinal, andar pela cidade e se apropriar dela, tendo em vista a coexistência de culturas, línguas e sotaques plurais, é também reconhecê-la como um espaço de tradução.

É possível identificar a adaptação da personagem ao novo local por meio do emprego, em seus relatos finais, da palavra “guria” e do pronome pessoal “tu” (REZENDE, 2017: 245), termos frequentemente utilizados na região sul, o que evidencia a inevitável incorporação de novos valores linguísticos e culturais. Além disso, o ato de aceitar um gole de chimarrão e gostar do sabor, apesar de ser amargo,

evidencia uma aceitação de Alice ao que antes ela era motivo de recusa: “tomei meu primeiro gole do amargo [...] Amargava mais do que eu esperava, me aqueceu, gostei.” (REZENDE, 2017: 223). Essas mudanças ocorridas apontam para uma cisão profunda que desvela a reconstituição da própria identidade do sujeito.

Apesar das cicatrizes do passado que levava em seu corpo, Alice não podia imaginar a dimensão do sofrimento a ser atravessado em Porto Alegre, cidade moderna, de grande mobilidade e, ao mesmo tempo, excludente e violenta. Cada dia no espaço citadino a conduzia a esmo para uma porta, cada uma guardando um inferno mais terrível e de escuridão mais densa. Mal sabia das extremidades de si a que seria lançada, sequer tinha noção de seus próprios limites e do quanto precisaria se transfigurar para entender os indivíduos com os quais teve contato, bem como a si mesma. Em outras palavras, os quarenta dias na rua lhe deram a noção de que para alcançar o outro em circunstâncias de exclusão e dor, é necessário alcançar seu íntimo, suas contradições e seu sofrimento sob as mesmas condições.

Preencher as páginas do caderno com fragmentos e vestígios de seu processo de quarentena, torna possível enxergar a sua natureza crua e indisfarçável. Não importa se seu olhar está voltado para outras direções. Ela pode ir bem longe, fazer atalhos, dar voltas sem fim em torno dos mesmos lugares, mas sua escrita, de alguma maneira, reconduz seu deslocamento para o interior de si mesma. Portanto, perambular pelas ruas da cidade não foi em vão, o andar a esmo ocorre em direção à reconstrução da própria identidade que se esboça nas ressonâncias e dissonâncias culturais.

Considerações finais

No romance *Quarenta dias*, a compreensão do processo de reconfiguração da identidade se estabelece a partir do deslocamento, fio condutor que leva a parai-bana Alice a ter acesso à diversidade étnica e cultural que permeia o espaço citadino. O contato com o outro adiciona significado à sua existência. No entanto, a maior clareza de sentido se dá através da escrita que traduz e ilumina as várias experiências resultantes dessa mobilidade.

O Registro das cenas vistas e ouvidas nas ruas de Porto Alegre faz Alice chegar um pouco mais perto dos sujeitos que conheceu, os quais apresentam em suas trajetórias os diversos percursos e os efeitos heterogêneos da mobilidade cultural. Nesse sentido, temos a configuração de indivíduos de identidade maleável e mutável, inscritos num espaço que também é suscetível a uma contínua transformação. Assim, identidade e espaço estão mutuamente imbricados como produto de inter-

-relações constitutivas. Nesse caso, a cidade representada no romance aparece não apenas como um cenário onde ocorre o desenrolar de um enredo, mas também enquanto agente determinante da significação da narrativa como um todo.

Escrever sobre os quarenta dias de sua jornada, para a paraibana, é mais do que se libertar, é estar junto de homens e mulheres singulares e conhecer suas histórias. Percebemos que essa compreensão do outro não se dá apenas na superfície da impressão, ela vai além das fisionomias e costumes, que se revela no gesto mais imperceptível e não ocorre sem que o sujeito saia um pouco de si mesmo e se depare com a própria redescoberta de sua identidade e subjetividade. Dessa forma, a alteridade possibilita ao sujeito reconhecer diferenças, semelhanças, bem como o leva a se desprender de uma visão pré-concebida de que a identidade cultural não é, conforme aponta Stuart Hall (2005), uma essência fixa, universal e transcendental, mas sim como um processo, um produto cultural que tem como base a diferença e a diversidade.

Podemos inferir que a representação do deslocamento em *Quarenta dias* e sua relação com a formação da identidade cultural não se dá de forma unitária e linear e tampouco pode ser associada a uma vivência homogênea. No caso de Alice, ela não é a representação da “migrante paraibana”, isto porque denotaria uma visão reducionista e preconceituosa sobre a experiência de vida da mulher nordestina e a confinaria a um rótulo único e “essencializante”, ou seja, à crença de que existe uma identidade única da mulher como entidade discursiva preestabelecida. Do mesmo modo, cabe atentarmos para o fato de que as motivações que regem os inúmeros migrantes não são iguais e, portanto, não poderiam ser atreladas a uma única experiência. As aspirações de Alice servem para que nos aproximemos e percebamos as possibilidades por trás de cada mulher nordestina ou cada migrante que atravessa nosso destino.

Referências

DELCASTAGNÉ, Regina. Espaços possíveis. In: _____. *Literatura brasileira contemporânea. Um território contestado*. Rio de Janeiro: Eduerj, 2012, p. 109-145.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. de Tomaz Tadeu da Silva e Guaraci Lopes Louro. 10ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

IANNI, Octavio. A metáfora da viagem. In: _____. *Enigmas da modernidade-mundo*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003, p. 11-31.

OLIVIERI-GODET, Rita. Errância / migrância / migração. In: BERND, Zilá (orgs.).

Dicionário das mobilidades culturais: percursos americanos. Porto Alegre: Literalis, 2010, p. 189-209.

PORTO, Maria Bernadette. Circulações urbanas. In: BERND, Zilá (orgs.). *Dicionário das mobilidades culturais: percursos americanos*. Porto Alegre: Literalis, 2010, p. 67-85.

REZENDE, Maria Valéria. *Quarenta dias*. 7ª ed. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2017.

SANTIAGO, Silviano. O cosmopolitismo do pobre. In: _____. *O cosmopolitismo do pobre: crítica literária e crítica textual*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008, p. 45-63.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Orgs.). *Identidade e diferença- a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000, p. 7-72

Artigo recebido em 26/09/2019, aprovado em 14/11/2019.